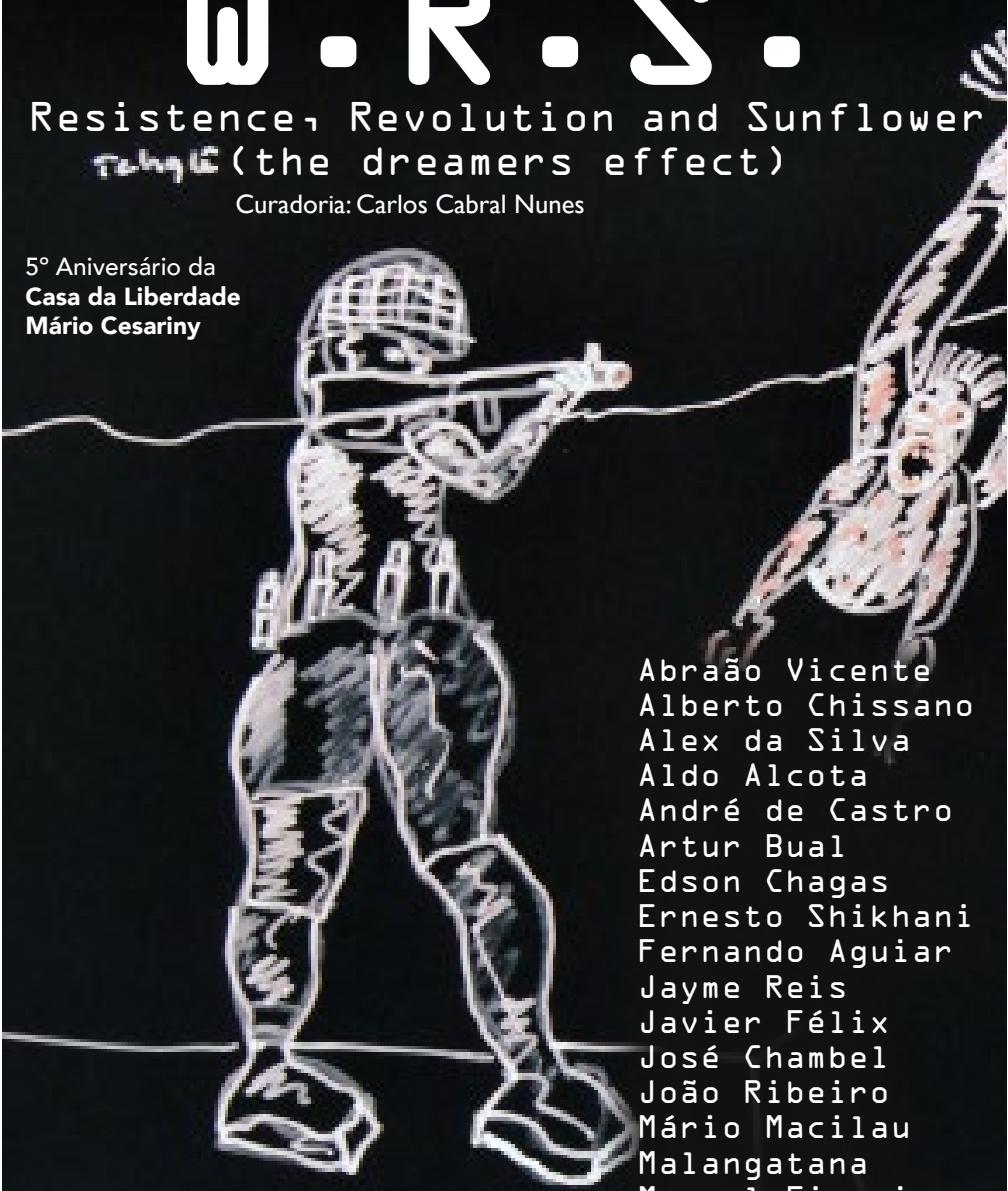


W . R . S .

Resistance, Revolution and Sunflower
TELE(the dreamers effect)

Curadoria: Carlos Cabral Nunes

5º Aniversário da
Casa da Liberdade
Mário Cesarin



Abraão Vicente
Alberto Chissano
Alex da Silva
Aldo Alcota
André de Castro
Artur Bual
Edson Chagas
Ernesto Shikhani
Fernando Aguiar
Jayme Reis
Javier Félix
José Chambel
João Ribeiro
Mário Macilau
Malangatana
Manuel Figueira
Marya Al Qassimi
Miguel Huerta
Tchalé Figueira



Conceito e curadoria: Carlos Cabral Nunes

A 2 de novembro, no dia em que cumpre o 5º aniversário da Casa da Liberdade - Mário Cesariny e em que passam 12 anos sobre a última exposição do poeta e pintor surrealista Mário Cesariny de Vasconcelos, ocorrida na Galeria Perve, as duas instituições abrem as portas conjuntamente para acolher a exposição coletiva "WRS | Resistance, Revolution and Sunflower (the dreamers effect)", que pretende refletir sobre as múltiplas guerras, não apenas as bélicas, que assolam a nossa vivência nas sociedades contemporâneas globalizadas.

Subintitulada Resistência, Revolução e Girassol (o efeito dos sonhadores), a mostra reúne autores provenientes de diversas latitudes que têm demonstrado, ao longo do seu percurso artístico, uma constante atitude de inquietação perante o estado do mundo e os sucessivos conflitos que vão deflagrando.

O mote desta exposição parte do projeto "War is Stupid" que foi iniciado em 2015 por Tchalé Figueira, autor cujo trabalho, desenvolvido a partir de Cabo-Verde, tem alcançado projeção internacional. A série aqui exposta reúne pinturas de grande dimensão que retratam a visão pessoal do artista sobre as atrocidades da guerra.

Para além da guerra belicista evocada por este autor, a presente exposição procura refletir igualmente sobre as guerras de cariz ambiental, cultural, económico, político e social que afetam cada vez mais os cidadãos a uma escala e com efeitos nunca antes vistos, na história planetária, ameaçando profundamente a nossa existência futura. Para tal, apresenta-se uma seleção de obras que trazem consigo mensagens de evidência sobre esses conflitos passados e atuais mas também, através de multifacetadas proposições artísticas, os autores procuram estimular uma mudança na sociedade ou, pelo menos, consciencializar a população para as guerras que hoje proliferam a vários níveis e para as quais as suas vozes não podem ser silenciadas, procurando soluções válidas e perenes para as problemáticas que se colocam, não exclusivamente, às democracias ocidentais.

Do conjunto de obras agora mostradas, destacam-se trabalhos reivindicativos de Manuel Figueira, que nos inserem na guerra de libertação de Cabo Verde; de Suekí e André de Castro, em forma de manifesto contra as estruturas governamentais em Angola; ou de Mário Macilau, que advertem para as condições desumanas das crianças de rua em Moçambique. O resultado é, assim, um diálogo entre a arte e o ativismo nas salas de exposição em Alfama.

De acordo com o curador da mostra, Carlos Cabral Nunes, a exposição representa não só uma reflexão artística sobre a temática, mas também "um apelo à resiliência, resistência e insubmissão de todos os cidadãos que querem ser livres, que são democratas e prezam uma sociedade evoluída, plural e inclusiva".

Decorrida a eleição presidencial no Brasil, que transformou aquele imenso país num palco infeliz de confrontos e divisão civil e política, será determinante refletir sobre as origens desses conflitos e apontar formas de superação das problemáticas que se colocam ali mas também, de maneira abrangente, interferem com realidade contemporânea global de todos os seres, já que as suas implicações tenderão a estender-se também às temáticas ligadas à sustentabilidade e ecologia afectando, por inerência todo o planeta.

“WRS | Resistance, Revolution and Sunflower (the dreamers effect)”, é “também uma exposição-manifesto de apoio a todos os brasileiros que querem permanecer livres e a viver num estado de direito democrático livre e plural”, acrescenta o curador, sublinhando que “a mostra procura relevar a esperança necessária em momentos como este, reunindo igualmente um núcleo de obras que visa, precisamente, funcionar como uma luz, no fundo deste túnel onde, subitamente, nos colocaram”.

A exposição pode ser vista na Casa da Liberdade - Mário Cesariny e na Perve Galeria até 22 de dezembro de 2018.

Artistas participantes:

Artur Bual (Portugal)

Abraão Vicente (Cabo Verde)

Alberto Chissano (Moçambique)

Alex da Silva (Cabo Verde/Angola)

Aldo Alcota (Chile)

André de Castro (Brasil)

Edson Chagas (Angola)

Ernesto Shikhani (Moçambique)

Fernando Aguiar (Portugal)

Jayme Reis (Brasil)

Javier Félix (Colômbia)

João Ribeiro (Portugal)

José Chambel (São Tomé e Príncipe)

Mário Macilau (Moçambique)

Malangatana (Moçambique)

Manuel Figueira (Cabo Verde)

Marya Al Qassimi (Emirados Árabes Unidos)

Miguel Huerta (Chile)

Tchalé Figueira (Cabo Verde)

Suekí (Angola)

Capa: Tchalé Figueira

Sem título da série “War is Stupid”, Técnica mista s/ cartolina, 48 x 65 cm, 2018
Ref.:TCH006

Abraão Vicente

Cabo Verde

Abraão Vicente nasceu a 26 de fevereiro de 1980, no interior da ilha de Santiago, em Cabo Verde, numa família numerosa, sendo o sexto de oito irmãos. Em casa encontrou no pai e no avô, estudiosos da língua crioula e da cultura da ilha, o gosto pela literatura e pelas artes.

Estudou na Vila de Assomada e na cidade da Praia e, com 18 anos, fixou-se em Lisboa, onde se licenciou em Sociologia, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (2003), com a tese sobre a construção do campo artístico em Portugal durante o século XX.

Entre exposições individuais e coletivas, passou um período em Barcelona, onde foi um dos programadores e artista do espaço de experimentação artística *Miscelânea*.

No campo literário é autor de “O Trampolim” (Romance), “E de Repente a Noite” (Poesia), “Traços Rosa Choque” (Coletânea de crónicas) e “1980 Labirintos” (Poesia) e, ainda, faz parte da coletânea “Dez contos para ler sentado” (Contos).

É um artista multifacetado. Foi apresentador de televisão e, a partir de 2011, assumiu funções de deputado pelo Movimento para a Democracia.

Atualmente vive em Cabo Verde onde, a par com o desenvolvimento do seu trabalho nas artes plásticas, já exerceu a função de jornalista. É um ativista social e cronista, escrevendo regularmente para vários jornais cabo-verdianos. É o atual Ministro da Cultura de Cabo Verde.



Abraão Vicente
Sem título,
Técnica mista sobre papel,
60 x 84 cm, 2015
Ref.: AV007

Alberto Chissano

Moçambique

Alberto Mabungulane Chissano foi um dos mais importantes escultores moçambicanos da sua geração. Nascido em janeiro de 1934, em Manjacaze, ficou órfão de pai desde o nascimento, tendo sido educado pela mãe e pelos avós.

A avó, uma conhecida curandeira, ensinou-o a observar com atenção a natureza que o rodeava e transmitiu-lhe um vasto mundo simbólico que, de certa forma, influenciou a sua obra. Outra das influências marcantes no seu trabalho é a cultura tradicional changana, que conheceu de perto.

Exerceu um leque variado de profissões. Foi guardador de rebanhos, aprendiz de alfaiate, empregado doméstico, mineiro, militar e empregado do Núcleo de Arte de Maputo.

Iniciou-se na arte de esculpir na década de 1960, a conselho do pintor Malangatana, e fez a sua primeira exposição em 1966. A madeira é o material que Alberto Chissano usava para as suas esculturas, algumas das quais atingem cerca de três metros de altura.

A tristeza, que caracterizava o escultor, está presente em todas as suas obras, como símbolo do sofrimento, da fome e da miséria.

Fez a sua primeira exposição em Portugal no ano de 1974, a que se seguiram outras nos anos 80. Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, no início da década de 8 . Criou na sua própria casa, a Fundação Alberto Chissano.

Suicidou-se em fevereiro de 1994, na sua residência.



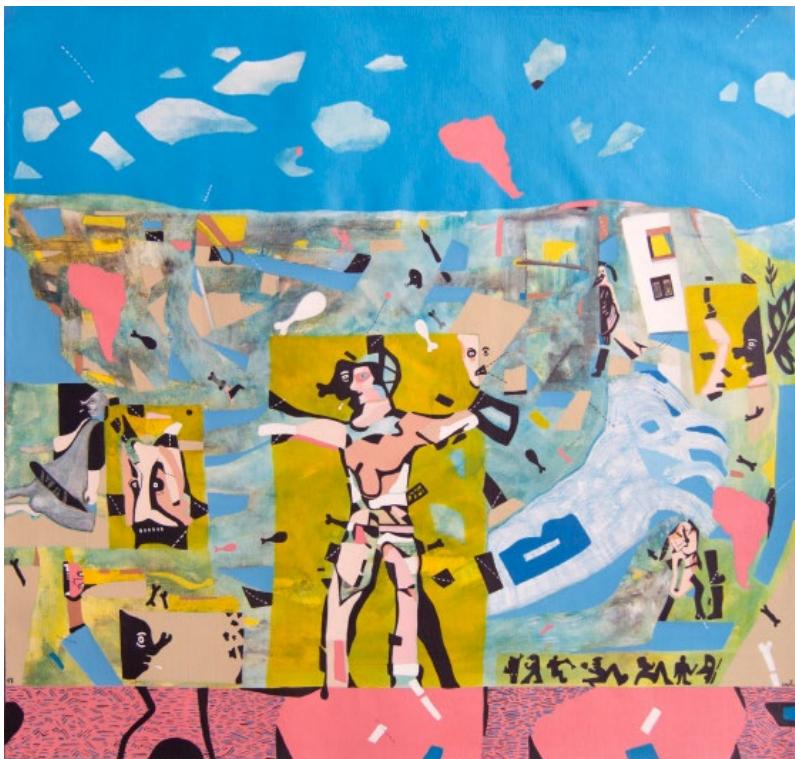
Alberto Chissano
A cadeira do poder,
Escultura em pau-ferro,
100 x 60 x 50 cm, circa 1970
Ref.: CH003

Aldo Alcota

Chile

"Os personagens das minhas obras nascem da experiência surreal que eu tenho com o mundo e suas relações humanas absurdas. Desenho seres mutilados, canibais fantoches, strippers, monarcas, robôs; criaturas que formam um "pesadelo teatral", que vociferam os traumas e os medos de hoje. Um circo de horror que não está longe da realidade quotidiana, porque é o que se vê no noticiário, na televisão, na política, na guerra... Vivemos cercados pelo grotesco. Além disso, não podemos dizer que somos uma espécie racional. Muito pelo contrário. Os meus desenhos são baseados em um jogo "patafísico", onde há humor e poesia, um laboratório onde novos corpos são inventados, uma fusão de humano e animal, assimétrico, híbrido, peludo, à maneira de Dr. Moreau. E no que respeita ao ato criativo, eu confio mais na transpiração do que na inspiração." (Aldo Alcota)

Aldo Alcota, nascido em Santiago do Chile, em 1976, é um artista multifacetado. Expôs os seus trabalhos em conjunto com os artistas do movimento internacional "Phases". Também participou na atividade patafísica do Chile. Na Europa, Alcota teve as suas obras expostas a par com obras de artistas como Pierre Alechinsky, Antonio Saura, Max Ernst, Eugenio Granell, Hans Bellmer, Paula Rego, Cruzeiro Seixas e Malangatana, entre outros. E no Chile expôs ao lado de pintores tais como Sergio Montecino, Adolfo Couve, Ramón Vergara Grez, Julio Escámez e o poeta Enrique Lihn. Ilustrou dois livros de poesia: "Nudos Velados" de Rodrigo Verdugo, e "Espejo Ultrasombra" de Roberto Yanez. Também criou uma obra para "Color Lux", texto poético de Carlos Sedille. Uma das suas obras foi incluída na revista canadense "La Tortue-Lièvre" com as obras de Karl-Otto Götz, Raoul Ubac e Enrique Zañartu. É um dos editores da revista "Stroke", de orientação surrealista.



Aldo Alcota

El calor animal del sur,

Acrílico sobre tela,

54,3 x 58 cm, 2017

Ref.: ALD084

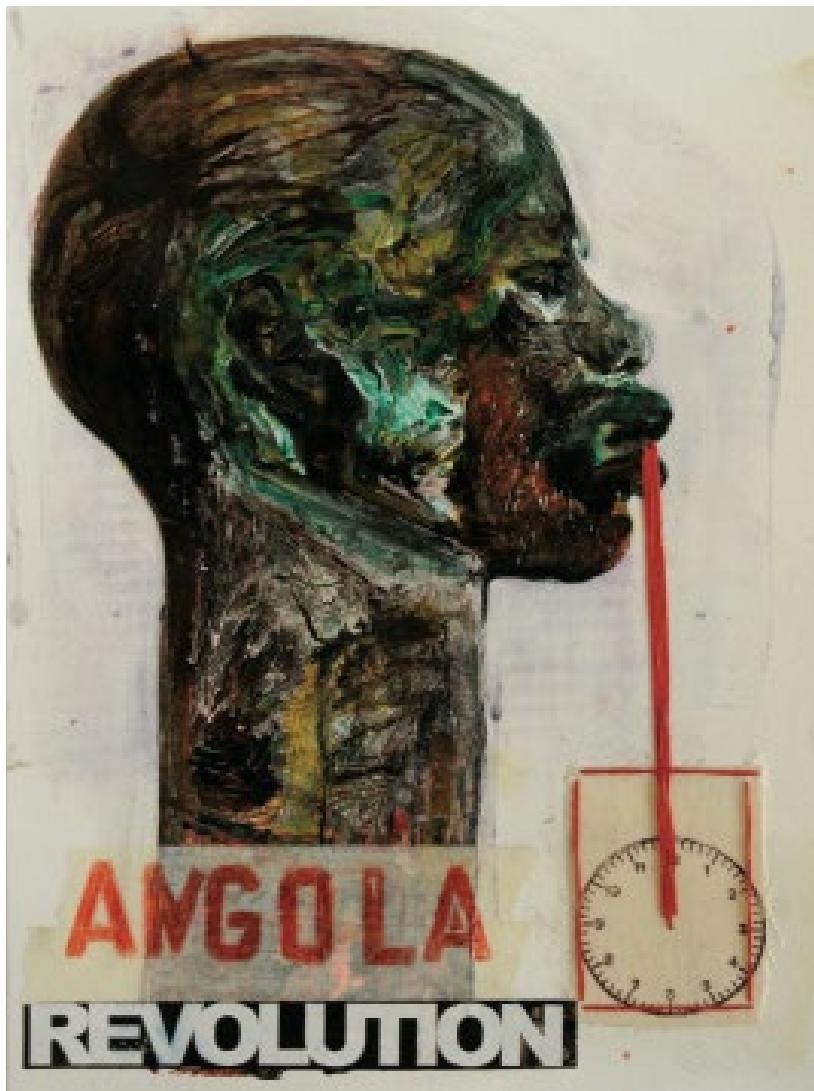
Alex da Silva

Angola | Cabo Verde

Alex da Silva Barbosa Andrade, que assina as suas obras usando também o pseudónimo Xand, nasceu a 16 de abril de 1974, em Luanda (Angola). Filho de pais cabo-verdianos, cresceu naquele arquipélago e hoje reparte a sua vida entre Cabo Verde e a Holanda. Formou-se, com distinção, na Academia de Arte e Arquitetura Willem de Kooning, em Roterdão, em 1999. Foi aluno do Programa de Intercâmbio Sócrates / Erasmus, da União Europeia, na Faculdade de Belas Artes Alonso Cano, em Granada, Espanha, entre 1997 e 1998. Seguiu para pós-graduação e mestrado, em 2000, na Minerva Academy, em Groningen, Holanda.

Alex da Silva tem exposto o seu trabalho regularmente, desde 1999, em Cabo Verde, Holanda, Emirados Árabes Unidos, Espanha, França, Luxemburgo, Curaçao, Senegal, Alemanha e Portugal. Em 2012, Alex foi escolhido para criar um monumento, intitulado "Clave", em Roterdão, para comemorar os 150 anos da abolição do comércio de escravos holandês, de África para o Suriname e Antilhas.

Em 2015, Alex da Silva iniciou a sua colaboração com a Perve Galeria, tendo participado na exposição "7+5=1", realizada em outubro, sendo a sua obra integrada posteriormente na Coleção Lusofonias.



Alex da Silva
Série Liquid Spirits,
Técnica mista sobre papel,
27x35 cm, 2015
Ref.: AXSII

André De Castro

BRASIL

André De Castro é um artista visual brasileiro que explora os limites entre design gráfico e arte como ferramentas para se envolver com as pessoas em questões sociais e políticas. O seu trabalho discute identidade, agência social e formas de significação. Ele combina uma variedade de técnicas, incluindo fotografia, serigrafia, pintura e colagem entre outras. Arte e Ativismo é o tema subjacente do trabalho de André e a base de suas idéias. A arte não é usada apenas para fins ilustrativos, mas também como uma ferramenta e um mecanismo para transformar a realidade existente. O seu último projeto, Movements, retrata jovens manifestantes em diferentes cidades ao redor do mundo. Movements foi exibido em Miami durante Art Basel (2013); Opus Project, Nova Iorque (2014); Centro Cultural Banco Brasil em Belo Horizonte e Brasília, Brasil (2015); Caixa Cultural do Rio de Janeiro, Brasil (2015) e Espaço Espelho D'água, Lisboa, Portugal (2016). André De Castro tem um MFA do Pratt Institute, NY.



André de Castro
Arão Bula Tempo
monoprints em serigráfica, tinta acrílica sobre papel.
50x70 cm, NY, 2016
Ref.: ACT008

Arão Bula Tempo Nov 2016

Edson Chagas

Angola

Edson Chagas nasceu em 1977, em Luanda, Angola. Estudou fotografia em Newport na University of South Wales, London College of Communication, na ETIC em Lisboa, Portugal, e no Centro Comunitário de Arcena, Alverca, Portugal.

Exposições individuais: Stevenson Gallery (2014/2015); Instituto Camões em Luanda (2014); Belfast Exposed Photography, Irlanda do Norte (2014); Palazzo Gallery, Brescia, Itália (2013) e no memorial Agostinho Neto (2013), Luanda. Em 2013 Chagas foi o artista representante do pavilhão de Angola na 55 Bienal de Veneza, participação que ganhou o Leão de Ouro como o melhor pavilhão nacional. Em 2015 foi um dos três artistas selecionados para participar no 11º Prémio Novo Banco Photo, no Museu Coleção Berardo, Lisboa.

Exposições de grupo notáveis incluem a exposição "Desguised" que iniciou no Seattle Art Museum e, mais recentemente, inaugurou no Brooklyn Museum, de abril a setembro (2016); "Ocean of images, New Photography" no MOMA, Nova Iorque (2015-2016); A Divina Comédia: Paraíso, Purgatório e Inferno com curadoria de Simon Njami, que decorreu no MMK Frankfurt, e no Smithsonian National Museum of African Art in Washington, DC, como em outros locais (2014-15); Lagos Photo Festival (2014); Shifting Africa - What the Future Holds, Mediations Biennale, Poznań, Polónia e Kunsthalle Faust, Hanover, Alemanha (2014); Journal, Institute of Contemporary Arts, Londres (2014); NO FLY ZONE, Unlimited Mileage, Museu Coleção Berardo, Lisboa (2013); Transit, OCA, São Paulo (2013); RAVY Visual Arts Festival, Yaoundé (2012) e Segunda Trienal de Luanda (2010).

Edson Chagas vive e trabalha em Luanda.



Edson Chagas

Provas da exposição realizada no Pavilhão de Angola, na Bienal de Veneza,

Assinadas pelo autor,

50x70 cm, 2013

Ref.: EDCHA01

Ernesto Shikhani

Cabo Verde

Nasceu em 1934 em Moçambique e morreu em 2010. Começou a dedicar-se à escultura no Núcleo de Arte (Maputo) com o mestre escultor português Lobo Fernandes. Em 1963, torna-se assistente do Professor Silva Pinto. Contemporâneo dos reconhecidos artistas moçambicanos Malangatana e Chissano.

A sua obra não é subsidiária de nenhum estilo: nela estão patentes, mais do que as suas raízes, sinais de um percurso muito próprio.

Apresentando-se convictamente como nacionalista, enfrentou diversos obstáculos, perseguindo sempre ideais de liberdade. A sua pintura mais recente apresenta traços e cores muitas vezes agressivos, vibrantes, e irradiantes de luz. As suas formas são exuberantes, e minuciosas.

A partir de 1970 começa a dedicar-se à escultura. A sua primeira exposição individual dá-se em 1968. Em 1973, recebe uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian para realizar uma exposição individual. Até 1979 orienta aulas de Desenho no Auditório-Galeria, na cidade da Beira. Em 1982, recebe uma bolsa de estudo de seis meses, na ex-URSS. Em 2004 a Perve Galeria realizou uma exposição retrospectiva dos seus 40 anos de Pintura e Escultura onde também foi exibido um vídeo-documentário sobre si, realizado por Cabral Nunes entre 1999 e 2004, que aborda o seu percurso plástico e vivencial, com entrevistas e imagens das suas obras de arte pública. Ainda por intermédio da Perve Galeria, participa nas feiras Arte Lisboa, 2004, 2005 e 2010, e Arte Madrid, 2006 e 2007. A sua obra está representada em diversas coleções públicas e privadas, no seu país, na Índia, nos Emirados Árabes Unidos, na Tunísia, em Espanha, França, Portugal e Reino Unido. Destaque para as obras incluídas nas coleções do Museu Nacional de Arte de Moçambique, Culturgest - Grupo Caixa Geral de Depósitos (Lisboa), Centro de Estudos de Surrealismo/Fundação Cupertino de Miranda (Portugal) e na Coleção Lusofonias, que a Perve Galeria dedica à arte moderna e contemporânea dos países de língua oficial portuguesa. No âmbito da itinerância desta coleção, a obra de Shikhani foi apresentada em Lisboa 2009 e 2010, em Dakar 2010, no Palácio do Egito, em Oeiras 2012/13 e na Índia, 2015.

Em 2017, a Perve Gallery apresentou novamente as suas obras de arte na Art Dubai e pela primeira vez em Londres, na 1:54 Contemporary African Art Fair, com grande sucesso. No final deste ano, a casa de leilões francesa Piasa escolheu uma das suas pinturas a óleo feitas em 1973 para a capa do seu catálogo de leilões de arte africana.

Em 2018, Shikhani é o primeiro artista africano a ser destaque na seção Spotlight da Frieze Masters, em Londres, que desde sua criação se tornou um local privilegiado para a descoberta de artistas extraordinários e pouco conhecidos do século XX.



Ernesto Shikhani

Sem título,

Tinta da China sobre papel,

46 x 32 cm, 1970

Ref.: S004

Fernando Aguiar

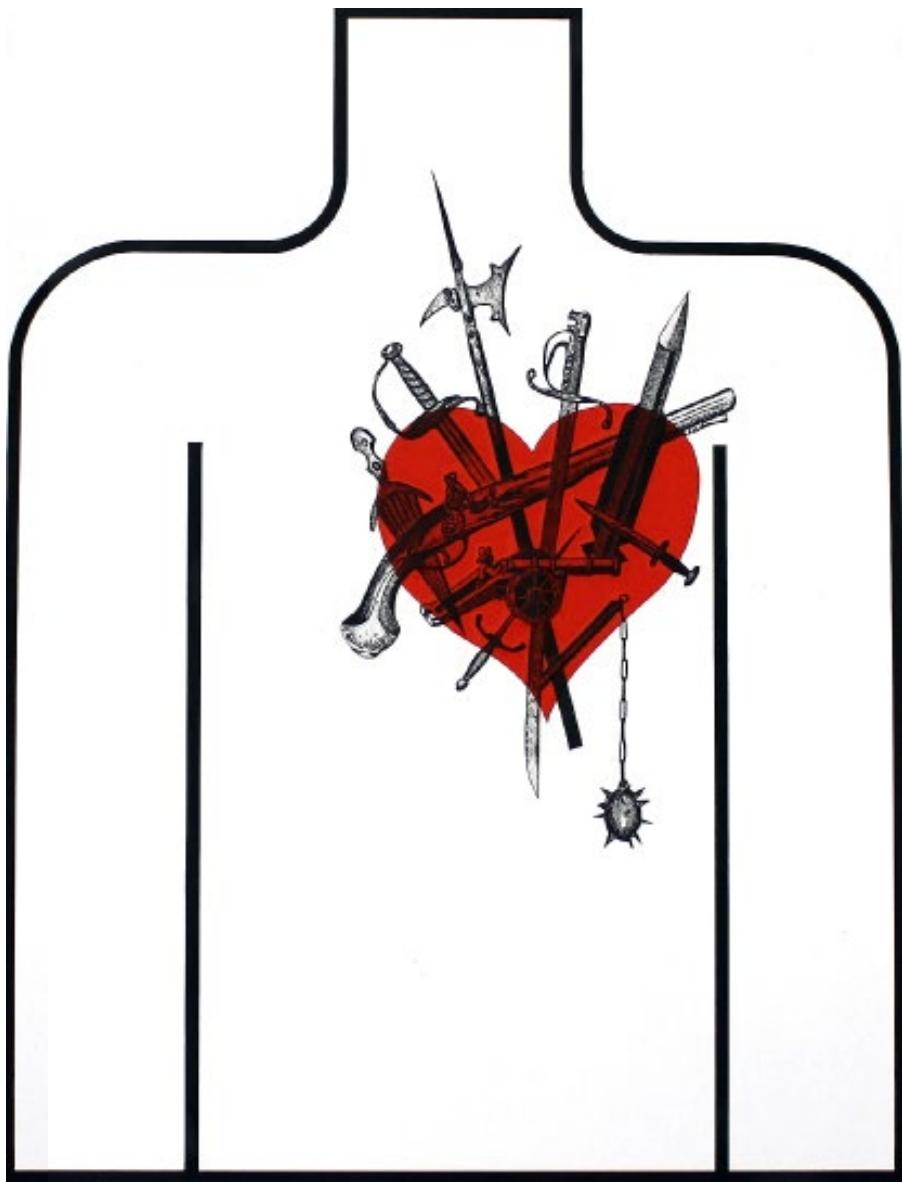
Portugal

Natural de Lisboa, Fernando Aguiar (n.1956) é Licenciado em Design de Comunicação pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Paralelamente à sua actividade como artista plástico, poeta e performer, Fernando Aguiar organizou festivais, exposições e antologias de poesia experimental, entre os quais Poemografias: Perspectivas da Poesia Visual Portuguesa (1985, com Silvestre Pestana), 1º Festival Internacional de Poesia Viva (1987), Concreta, Visual, Experimental, Poesia Portuguesa 1959-1989 (1989, com Gabriel Rui Silva), Visuelle Poesie Aus Portugal (1990), Poesia Experimental dels 90 (1994) e Imaginários de Ruptura, Poéticas Experimentais (2002). Esta intensa atividade contribuiu decisivamente para a divulgação e afirmação nacional e internacional da poesia experimental portuguesa.

Na obra de Fernando Aguiar, que se inicia na década de 1970, encontramos uma intersecção singular entre escrita, pintura, instalação e performance. O desenho e os processos de inscrição da letra são desenvolvidos num constante contraponto entre a pura visualidade plástica da pintura e da colagem, por um lado, e a sua presentificação corporal através de modos de interação participativa e presencial que envolvem público, autor e signos. A presença performativa e tridimensional da letra e da palavra manifesta-se igualmente em projetos de instalação e de arte pública, como é o caso do parque Soneto Ecológico (1985, 2005), plantado em Matosinhos em 2005. A experimentação visual e sonora com a palavra ocorre ainda sob a forma de livros, mas é no desenvolvimento de uma poética da performatividade presencial do sujeito e da palavra e numa pesquisa plástica e pictórica da letra que a sua obra mais se singulariza.

Obras principais >

Dos seus livros de poesia, refiram-se: Poemas + ou - Histo(é)ricos (1974), O Dedo (1981), Minimal Poems (1994), Os Olhos que o Nossa Olhar Não Vê (1999), Tudo por Tudo (2009) e Estratégias do Gosto (2011). Publicou uma caixa de postais com poemas visuais: Imaginando la poética. Poesia Visual (Madrid, delCentro Editores, 2010). Algumas das suas performances estão também documentadas em livro: Rede de Canalização (1987), Recent Actions (1997) e A Essência dos Sentidos (2001). Organizou o 1º e o 2º Encontro Nacional de Performance (Torres Vedras, 1985; Amadora, 1988) e realizou inúmeras intervenções e performances poéticas em festivais, museus e galerias de arte em mais de uma dezena de países. Das suas exposições individuais refiram-se: POESI AV ISUAL (Lisboa, 1979), Ensaios para uma Nova Expressão da Escrita (Lisboa, 1983), Palavras Sob Palavra (Torres Vedras, 1984) e O Papel dos Signos (Setúbal, 1992). Destaque-se ainda o Arquivo Fernando Aguiar, uma coleção de literatura experimental constituída por cerca de 2.500 originais, para além de livros, catálogos e outra documentação de poesia experimental e visual, mas também de áreas afins como a arte conceptual, Fluxus, performance e arte postal, produzidas a partir da segunda metade dos anos 60, com uma especial incidência na poesia visual dos anos 80 e 90.



Fernando Aguiar

“Um mouro da Índia dizia que as armas eram o coração dos homens” (anónimo do Séc. XVI),
56 x 43 cm, 1979

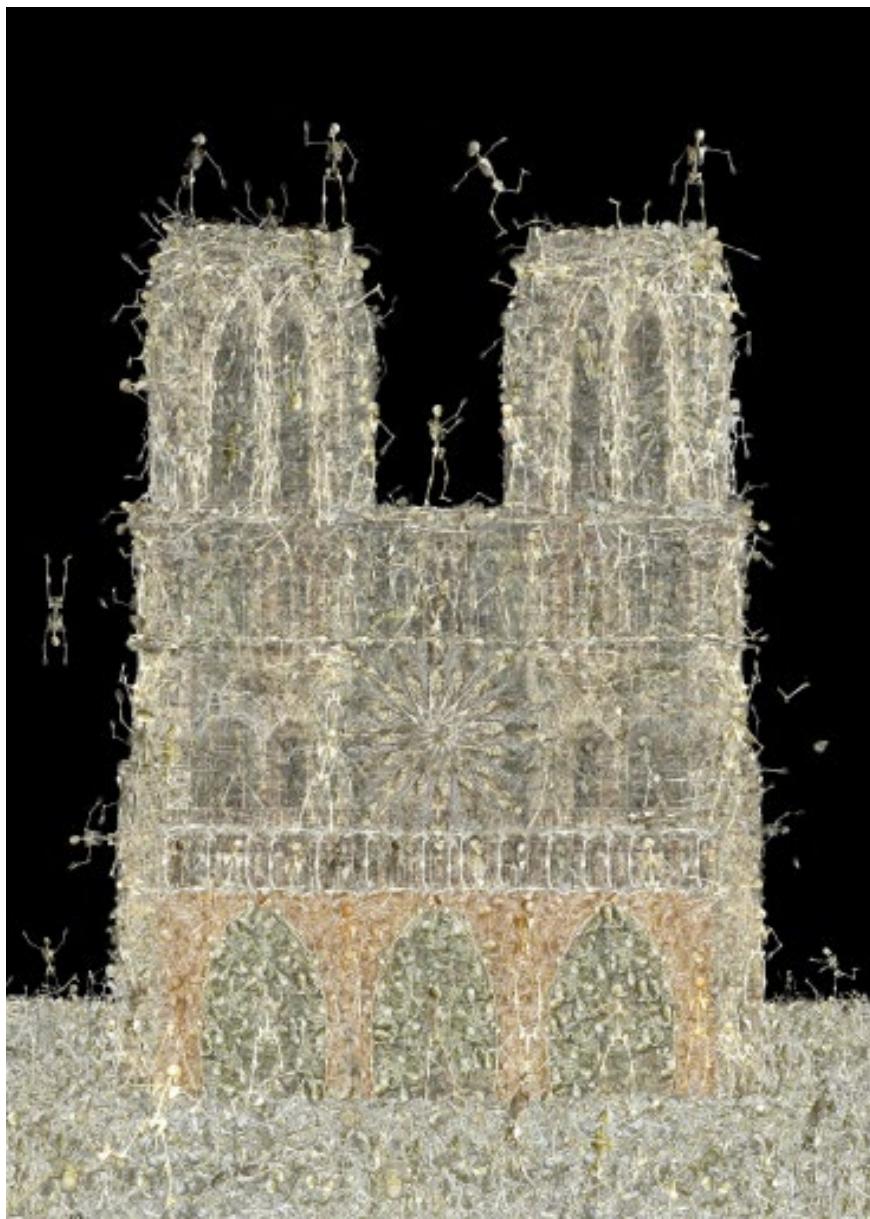
Ref.: S004

Ref.: FA071

Jayme Reis

Brasil

JAYME REIS, artista plástico brasileiro. Autodidata, multidisciplinar, Jayme Reis, 1958 - Itabira - MG, explora a diversidade de linguagens - cerâmica, objetos, desenho, gravura, fotografia e arte digital, buscando expressões limítrofes de linguagem e de gêneros. Atuou como professor de escultura no Elke Hering Atelier, Blumenau, SC, 1988. Foi artista visitante no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFSC (1990) e do Coltec/UFMG (1994-95). Obteve o Prêmio de Incentivo à Cultura do Estado de Santa Catarina, Secretaria Estadual de Cultura, Florianópolis (1990) e o 1º Prêmio no I Salão de Artes Plásticas da Cidade de Uberaba, MG (1995). Participou do Salão Nacional de Curitiba (1991-97); Bienal Nacional de Santos, SP (1995); I Concurso de Arte Erótica e I Salão de Arte Erótica, Barcelona, Espanha (1996). Publica o livreto/catalogo EPIPHANIA contendo texto e 37 imagens que narram a sua experiência com o Photoshop e a fotografia digital (2007). Selecionado para o projeto de Residências Artísticas da Fundação Bienal de Arte de Cerveira - Vila Nova de Cerveira - Portugal, e também para o projeto de Residências Artísticas do Polo Cultural Gaivotas | Boavista - Lisboa (2017) Algumas de suas obras passam a integrar a Coleção Lusofonias da Perve Galeria - Lisboa (2018).



Jayme Reis,
La cathédrale,
Fotografia digital s/ papel hahnemuhle
40 cm x 30 cm, 2018
Ref.: JYM010

Marya Al Qassimi

UAE

Marya Al Qassimi é uma pintora de belas artes de Sharjah nos Emirados Árabes Unidos.

Nascida em 1993, Marya cresceu em Sharjah, nos Emirados Árabes Unidos, estudou Artes Plásticas e é membro do programa de excelência Cultural da ADMAF.

Marya Especializa-se em pinturas a óleo e desenhos médios mistos usando a técnica do automatismo e seu objetivo é revelar o funcionamento interno da mente subconsciente.

Atualmente, Marya trabalha nos espaços de arte da Sociedade de Belas Artes da Emirates com seu colega artista e amigo Abdulrahman Almaaini, dando continuidade à pesquisa da mente inconsciente através da arte.



Marya Al Qassimi

Sem título, Técnica mista s/ papel

25,5 x 16 cm, 2017

Ref.: MAQ004

O núcleo do meu trabalho é o corpo humano, às vezes insinuado, como um fragmento ou metamorfoseado: é ao mesmo tempo campo sensível e de experimentação plástica. A figuração serve como um pivô para estabelecer diálogos e conversas com elementos dissimilares e, em alguns casos, realidades polares; Nessas interseções, misturas e sincretismos estéticos e conceituais (e, frequentemente, transculturais) são produzidos. Eu presto atenção especial à transição entre o gráfico, o pictórico e o escultural: para a interação das três e das duas dimensões no mesmo corpo de trabalho. Gráficos e fotografias digitais muitas vezes desempenham um papel catalítico no jogo de ausência e presença do objeto, embora a maioria dos meus trabalhos seja formada como uma mistura de uma ou mais técnicas. No meu trabalho, o existencial e o cômico estão conjugados numa linguagem híbrida que é sobretudo experimental e lúdica.

Javier Felipe González E. - Javier Félix - artista colombiano de Bogotá (n. 1976), vive e trabalha em Valência, Espanha.

Formação 1993-1995. BFA. Faculdade de Artes Plásticas. Universidade Nacional da Colômbia. Bogotá, Colômbia. 1996-1998. Grau BFA. Artista Plástica, Faculdade de Belas Artes. Universidad de los Andes, Bogotá, Colômbia. 1998-1999. Oficinas de Pintura, Escultura e Mídia mista com Claire Gavronsky e Rose Shakinovsky. Instituto Lorenzo D'Medici. Florença, Itália. 2001-2003. Arte e Cultura Nativa Americana, Instituto de Artes Indígenas Americanas, IAIA, Novo México, EUA. 2009. Mestre em Artes Visuais e Multimídia. Faculdade de Belas Artes, Universidade Politécnica de Valência, UPV. Valência, Espanha.

Exposições -1994 Exposição de Artistas Cano, Universidade Nacional da Colômbia. Bogotá, Colômbia. -1994 Alunos selecionados, Auditorio León de Greiif, UNAL, Bogotá, Colômbia. -1997 XVIII Hall Artistas Regionais, Antiga Estação de Santa Fé Bogotá, Colômbia. -1998 "META-PLASTIC." Exposição individual. Galeria da Casa Wiedemann, Bogotá, Colômbia. -1998 "Do IT" por Hans-Ulrich Obrist. Colaboração com Juan Fernando Herran, Casa da Moeda, Bogotá, Colômbia. -1999 Artistas Selecionados, Comune di Firenze, Florença, Itália. -1999, Short Films, Auditório da NYU, Nova York, EUA. -2000 "5 pontos cardeais" Galeria Casa Cuadrada, Bogotá, Colômbia. -2001 Exposição de Artistas IAIA Museum, Santa Fé, Novo México, EUA. -2002 Exposição de Artistas IAIA Museum, Santa Fé, Novo México, EUA.. -2003. Exposição Coletiva, Museu IAIA, Santa Fé, Novo México, EUA. -2008 Exposição de arte digital "Observatório", Center del Carmen, Valência, Espanha. -2008 Fotógrafos, Show de Fotografia, Galeria Railowski. Valência, Espanha -2011 "Correntes 2011" New Media, IAIA Digital Dome. Santa Fé, Novo México. EUA. -2013, "Brilho Indígena", Arte nativo contemporâneo, Olocau, Valência, Espanha. (Artista e Curador) -2015 "Dónde tus ojos me lleven" Galeria de Arte de Alimentação, Madri, Espanha. 2015 "Una ventana a Malasaña" Galeria de Arte de Alimentação, Madri, Espanha. Galeria de Arte Nidok "Deconstrucciones de Javi Felix", Barcelona, Espanha. -2017 Arte Contra el Olvido. Boadilla de Rioseco, Castilla León, Espanha. -2018 Semana de Artes do Arsenal de Nova York Galeria Stricoff, Nova York, Chelsea, EUA. -2018 Studio Art Fair International, Lisboa, Portugal.



Javier Félix,
Block B (Ode to civilized men),
Mixed media / assembly, Talla en madera, pintura al óleo, collage,
arcilla cocida, ready made, montado en marco de madera.
60cm x 45cm x 9 cm, 2018
Ref.: JVFO01

João Ribeiro

Portugal

João Ribeiro nasceu em Lisboa, em 1955. Licenciou-se em Pintura, pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa e expõe de forma regular, individualmente e coletivamente, há mais de 30 anos, em galerias e espaços institucionais.

A sua obra valeu-lhe, em 1985, o prémio de pintura “Espírito Santo Esteves”, na II Bienal de Chaves, e está representada em coleções tais como Caixa Geral de Depósitos, CTT, BCP, Museu de Arte e Pintura Diogo Gonçalves, Ministério da Justiça, entre muitas outras, em Portugal e no estrangeiro.

João Ribeiro tem um longo e profícuo percurso. O seu trabalho revela-se primeiro abstracionista, depois, na sequência de uma estadia do pintor na Bélgica, é povoada pela aparição de anjos, ícones e figuras alegóricas já com o domínio da técnica que até aí tinha desenvolvido.

Na atualidade, prima pelo aprofundamento da técnica do desenho ao mesmo tempo que o cariz simbólico das obras se viu aumentado.

Utiliza um espaço pictural não geométrico, com figuras alegóricas e ambientes próximos de uma simbólica medievalista e popular. A par com as temáticas, estão um desenho e cor cuidados.

As suas obras carregam uma iconografia renovada, onde o divino e o profano se encontram, evidenciando uma persistente dualidade de significação.

Suporte para o processo criativo (alquímico) de João Ribeiro, essa duplicidade de significado é exponenciada em obras onde o objeto se faz corpo de uma metamorfose plástica persistente, patente nas texturas e nos planos, através dos quais o autor dá expressão à manipulação da imagem e à reconfiguração da sua gramática visual anterior.

Em 2015, realizou na Perve Galeria, a exposição individual “Whispers”, que marca o seu regresso após alguns anos de ausência do meio galerístico motivado pelo desenvolvimento desses novos caminhos plásticos e narrativos.



João Ribeiro,
Tábuas Sírias
Técnica mista sobre madeira
3 x 130 x 23 cm, 2018
Ref.: JRB95

José Chambel

São Tomé e Príncipe

Nasceu em São Tomé e Príncipe. Vive em Lisboa. Estudou no Instituto Português de fotografia, de 1992 a 1994. Expõe regularmente desde 1992. Alguns dos seus projectos fazem parte de coleções de instituições públicas e privadas nacionais.

Exposições Individuais

- 2012 - Cor púrpura, Les Enfants Terribles - Lisboa
- 2005 - Capital, Centro Cultural Humberto Mauro, Brasil
- 2005 - Capital, Museu da Imagem, Braga
- 2004 - Tabanca, Museu de Tabanca, Assomada, Cabo Verde
- 2001 - Págá Dêvê, Galeria Imagolúcis, Porto
- 2000 - Págá Dêvê, Curitiba, Brasil
- 2000 - Págá Dêvê, Centro Cultural Português, S. Tomé e Príncipe
- 1999 - Tchilóli, VI Bienal de Fotografia, V. F. Xira - (ver projeto)
- 1996 - Alfa e Ómega, Instituto Português de Fotografia, Lisboa

Exposições Coletivas

- 2018 - FotoFonias LusoGráficas, Casa da Liberdade - Mário Cesariny
- 2017 - Al.Marcha, Perve Galeria
- 2013 - África Mostra-se, IFP - Institut français du Portugal
- 2011 - Feira de Arte do Desenrasca, Lisboa
- 2008 - Lusofonias 2008, Lisboa
- 2006 - Cineport II, Lagos
- 2004 - FotoFesta, Maputo, Moçambique
- 1998 - Arqueologia Industrial, S. João da Madeira
- 1997 - V Bienal de Fotografia, Vila Franca de Xira
- 1997 - Mouchão, V Bienal de Fotografia, V. F. Xira
- 1995 - IV Bienal de Fotografia, Vila Franca de Xira
- 1994 - Um Ano de Fotografias, Inst. Português de Fotografia, Lisboa
- 1993 - III Bienal de Fotografia, Vila Franca de Xira

José Chambel,
Machim - Série "Di ké mu" (Da minha casa),
Epson Fine art,
40 x 50 cm, 2018
Ref.:JCH021

José Chambel,
Paz Viva – Série Rua da Nigéria,
Epson Fine art,
60 x 80 cm, 2018
Ref.: JCH019



Mário Macilau

Moçambique

Mário Macilau nasceu em Moçambique, em 1984. É uma figura de destaque de uma nova e impressionante geração de fotógrafos africanos. Iniciou o seu trabalho artístico em 2003 nas ruas da capital do seu país, Maputo. Em 2015, participou na 56.ª Bienal de Veneza, com um projeto inesperado sobre a vida das crianças de rua de Maputo, exposto no Pavilhão do Vaticano.

Mário Macilau foi, recentemente, vencedor de vários prémios, nomeadamente "The FP Magazine's Global Thinkers award". Foi finalista da "Unicef Photo of the Year" em 2009. O seu trabalho tem sido largamente apresentado em exposições individuais e coletivas, tanto no seu país de origem, como a nível internacional, nomeadamente em "Pangaea: New Art from Africa and Latin America", Saatchi Gallery (2014), "Making Africa", Vitra Design Museum (2015), Bienal de Veneza (2015) e Guggenheim, Bilbao (2015-16).

A obra de Macilau integra as coleções institucionais da Daimler Art Collection, Berlim/Estugarda (Alemanha), da Fundação PLMJ (Lisboa, Portugal), do Banco Comercial e de Investimentos (Maputo), da Embaixada Francesa em Maputo, e da African Artists' Foundation (Lagos). Está ainda presente em várias coleções privadas portuguesas e internacionais (Alemanha, França, Espanha, Estados Unidos e África).

Mário Macilau
Preço do cimento,
Fotografia impressa sobre papel de algodão, sem textura, tipo smooth ,
60x90cm, 2016
Ref: MMC009

Tongi Agiama,
Fotografia impressa sobre papel de algodão,
60x90cm, 2016,
Ref: MMC012



Manuel Figueira

Cabo Verde

Manuel Figueira, nascido em 1938, na ilha de S. Vicente em Cabo Verde, viveu em Portugal entre 1960 e 1974, tendo sido o primeiro cabo-verdiano a cursar Belas Artes em Lisboa. Tendo regressado ao seu país em 1975, acompanhado pela sua mulher, Luísa Queirós, também ela artista plástica, fundou, com outros amantes das artes, a Cooperativa Resistência, em 1976.

Aí, através de um trabalho aturado de investigação-acção, muito contribuiu para configuração cultural actual de Cabo Verde, promovendo a regeneração das artes populares e das técnicas ancestrais de tecelagem.

Desde 1963 tem exposto em mostras coletivas e individuais, destacando-se as exposições realizadas na Áustria, Bélgica, Brasil, Espanha, França, Estados Unidos da América, Portugal e, naturalmente, em Cabo Verde.

No ano de 2005, a Galeria Perve organizou a primeira mostra retrospectiva de Manuel Figueira realizada em Portugal - "Visões do Infinito", na qual foram apresentadas 126 obras do período compreendido entre 1963 (anterior à sua viagem para Portugal) e 2004.

Pelo seu riquíssimo percurso, Manuel Figueira foi agraciado com importantes distinções: em 1988 recebeu o "Prémio Jaime Figueiredo" (do Ministério da Cultura e Desportos de Cabo Verde) e em 2000 recebeu a "Medalha do Vulcão", condecoração atribuída por ocasião dos "25 Anos da Independência" dada a sua importância nas Artes Plásticas e na cultura de Cabo Verde.

Tornou-se um nome incontornável na história da arte africana e a sua obra está representada em importantes coleções públicas e privadas nacionais e internacionais, com destaque para as peças incluídas nas coleções do Museu de Ovar, Banco de Fomento e Coleção Serralves (Portugal), Banco Totta & Açores (São Vicente, Cabo Verde), A.N.P. (Cidade da Praia, Cabo Verde), Embaixada de Cabo Verde para a ONU (Nova Iorque), Fundação Pró-Justitiae e Palácio da Cultura (Cabo Verde), Culturst - Fundação Caixa Geral de Depósitos (Portugal) e na Colecção Lusofonias que a Perve Galeria dedica à arte moderna e contemporânea dos países de língua oficial portuguesa.



Manuel Figueira
Natchon di Liberdadi,
Tinta da China s/ papel,
20 x 15 cm 1974
Ref.: MF188

Malangatana

Moçambique

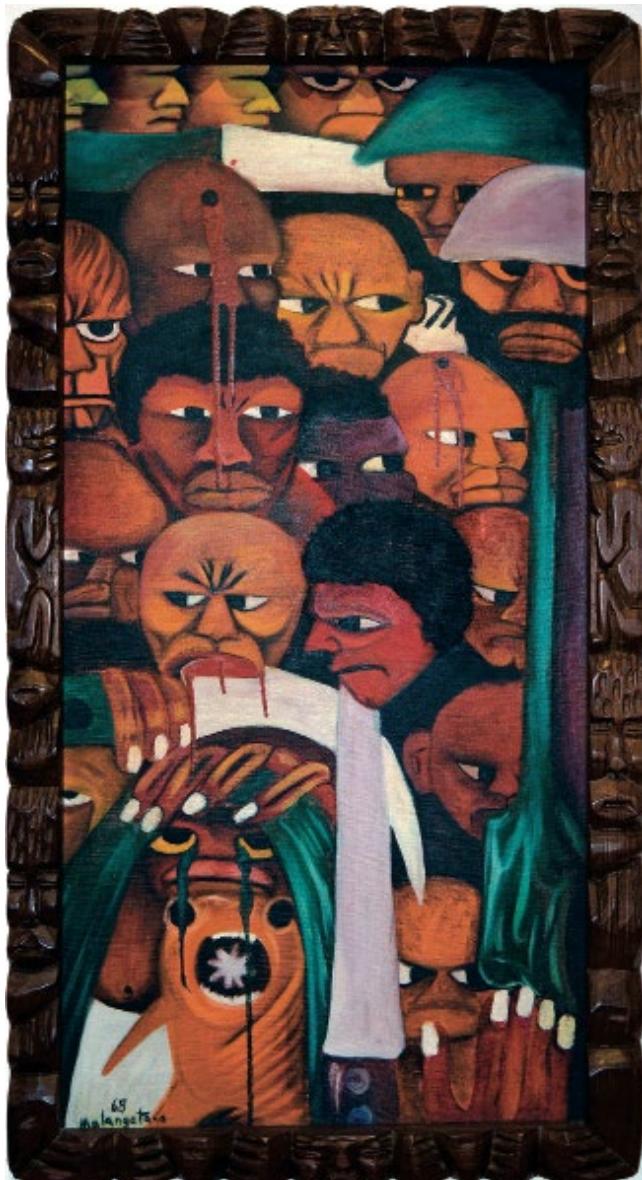
Malangatana Valente Ngwenya nasceu em 1936, em Maputo, Moçambique, vindo a falecer em Portugal, em 2011. Estudou na escola primária de Matalana e, posteriormente, em Maputo, nos primeiros anos da Escola Comercial. Foi pastor, aprendiz de medicina tradicional e empregado no clube da elite colonial de Lourenço Marques.

Tornou-se artista profissional em 1960, graças ao apoio do arquiteto português Pancho Guedes, que lhe cedeu a garagem para ateliê e que lhe adquiria dois quadros por mês.

Foi detido pela polícia colonial, acusado de ligações à FRELIMO e ficou preso durante cerca de dois anos, tendo aí conseguido pintar alguns trabalhos: "Guerrilheiros: Momentos de Decisão" é disso testemunho. Após a independência foi um dos criadores do Museu Nacional de Artes de Moçambique, onde procurou manter e dinamizar o Núcleo de Arte.

Malangatana destaca-se não só como artista plástico, mas também como poeta. A sua obra é hoje reconhecida em Moçambique e internacionalmente.

Com a Perve Galeria participou em diversas mostras coletivas como a exposição "Maniguemente Ser", em 2001 ou "Da Convergência dos Rios", em 2004. Esteve representado por esta galeria na Feira de Arte Contemporânea Arte Lisboa 2004 e 2005 e em 2006 e 2008, na Arte Madrid. Foi galardoado com vários prémios tais como o 1.º Prémio de Pintura "Comemorações de Lourenço Marques", 1962; Diploma e Medalha de Mérito da Academia Tomase Campanella de Artes e Ciências, Itália, 1970; Medalha Nachingwea pela contribuição para a Cultura Moçambicana, 1984; prémio da Associação Internacional dos Críticos de Arte, Lisboa, 1990. Em 1995 foi condecorado, em Portugal, como Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique e, em 1997, com o prémio Príncipe Klaus. A sua vasta obra encontra-se em vários museus e galerias públicas, bem como em coleções privadas de várias partes do Mundo. Malangatana faleceu em 2011, em Matosinhos.



Malangatana

Guerrilheiros: Momentos de Decisão (moldura de Naftal Langa, 1971),

Óleo sobre plaxtex,

119 x 57,5 cm, 1968

Ref.: MAL01

Miguel Huerta

Chile

Artista chileno nasceu em 1964 e vive em Santiago do Chile. Estudou na Experimental Artist School at Finis Terra University Terra como artista convidado,

Exposições individuais:

1993 Galeria Lawrence

2002 Diario la Nación

2004 Instituto Chileno Norteamericano El soñador de Planetas de Vidrios

2006 Galeria Taller de Rokha la poesía de la Quinta Mirada

2009 Galeria Anselmo Cadiz Los Parpados Magnéticos del Universo de Vidrio

2011 Sala de exposiciones Campus Santiago de la Universidad de Talca El Coleccionista de Objetos Invisibles

2012 Sala de Exposiciones Espacio Endesa

Cazador de Imágenes

2012 Centro de Extensión, sala Abate Juan I. Molina. de la Universidad de Talca

El Coleccionista de Imágenes Invisibles

2013 Centro Culturale Scuola Italiana sala Terracota

Dialecto Ancestral de Dioses Delirantes.

Exposições Coletivas:

1994 Museo de Arte Contemporáneo

Homenaje 100 años de Vicente Huidobro arte postal

1995_ 2001 diversas muestras colectivas galería Lawrence

2001 galería Referendum Viva La Diferencia

2004 Museo Salvador Allende Homenaje a Roberto Matta Matta au Millieu des Fauves

2005 Galería Artium Phases_Derrame Surrealismo La Emancipación Poética

2005 Fundación Eugenio Granell España,Derrame Cono sur o el Viaje de los Argonautas

2005 Galería Guillermo Nuñez La Voz Del Animal Metafísico

2007 Fundación Eugenio Granell,España Sonámbula Inconscientes para una Geografía Onírica

2008 Galería Pinho Diniz Portugal,Coimbra Reverso Do Olhar

2008 Galería Arthur Bual Portugal,Amadora A Voz Dos Espelhos

2008 Museo Benjamin Vicuña Mackenna, Vestigios

2008 Universidad Santo Tomás,Vestigios

2008 Fundación Eugenio Granell,España,El Surrealismo Como Fenómeno Colectivo

2009 Sala de exposiciones Convento San José Manuel Gamboa,Portugal,Lagoa Iluminacoes Descontinuas

2009 Galería de Arte de la U de Talca campus Santiago,Doce x Doce

doce críticos de arte presentan a un artista

2009 Museo Salvador Allende,Umbral Secreto Muestra surrealista internacional

2010 Galería Muro Valencia,España Seis Surrealistas Iberoamericanos

2010 Art Madrid feria de arte Madrid stand Galería Muro,Valencia

2014 Galerie Espace Montreal,Canada A la Caza del Objeto del Deseo.

2015 Galería,librería Canibaal,Valencia ,España El Asombro del Colmillo

2015 Espacio Arte Nuevo Santiago de Chile Viaje a la Intimidad del territorio Delirante

2016 Museo Municipal de Cartago . Costa Rica exposición Las Llaves del Deseo



Miguel Huerta

El asentamiento de las palabras que nacen fugitivas en el vientre del cosmos,

Acrílico sobre tela, 120 x 120 cm, 2015

Ref.: MH01

Publicações:

Le Monde Diplomatique, Chile

Revista Derrame, Chile

Brumes Blondes, Holanda

La Esfera Inacabada del poeta Fernando Palenzuela

Paracelso del poeta argentino Carlos Barbarito

Partemédulas del poeta Joao Goncalves

Gegenstand Des Zaubers del poeta Roberto Yañez

Caleidoscopio Surrealista Miguel Pérez Corrales España

OJO ANDINO CHILE Imago Mundi Luciano Benetton collection

II Surrealismo ieri e oggi Arturo Schwarz editorial Skira

Prémios:

2017 -*El sonido de mi gente premio a lo mejor del año Rosario, Argentina.*

Tchalé Figueira

Cape Verde

Tchalé Figueira nasceu em 1953 no Mindelo, na ilha de São Vicente, em Cabo Verde. Mudou-se para a Suíça em 1974 para estudar na Basel School of Design, onde concluiu o curso de Belas Artes em 1979. Desde 1985, vive e trabalha em Mindelo, a sua cidade natal, onde em 2014 abriu a sua própria galeria, "Ponta d'Praia".

Tchalé Figueira não é apenas um artista visual, ele também é músico e poeta. Publicou "Tous les naufrages du monde" (Todos os naufrágios do mundo), em 1992, "Là où les sentiments se rencontrent" (Onde os sentimentos se encontram) em 1998, e depois "Lazur et la mer" (O Azul e Mar) em 2001.

É também escritor de ficção e publicou os seus romances "Solitário" e "Ptolomeu e a Viagem de circunavegação" em 2005. Em 2010, editou o livro "Contos de Basileia" e, em 2013, o romance "A Índia que procuramos".

Suas obras de arte como pintor são caracterizadas por cores brilhantes e figuras distorcidas que estão localizadas em um cenário abstrato, uma mistura da vida real e da imaginação. Figueira denuncia questões políticas e sociais, geralmente por representá-las de maneira exasperada, inspirando-se na dinâmica da vida local.

Seu trabalho foi mostrado em todo o mundo, na Europa, África, Estados Unidos e Brasil.

Em 2008, recebeu o prêmio Fondation Blachère na Bienal de Dakar.

Tchalé Figueira

Sem título da série "War is Stupid", Técnica mista s/ cartolina,
48 x 65 cm, 2018
Ref.:TCH007,TCH004

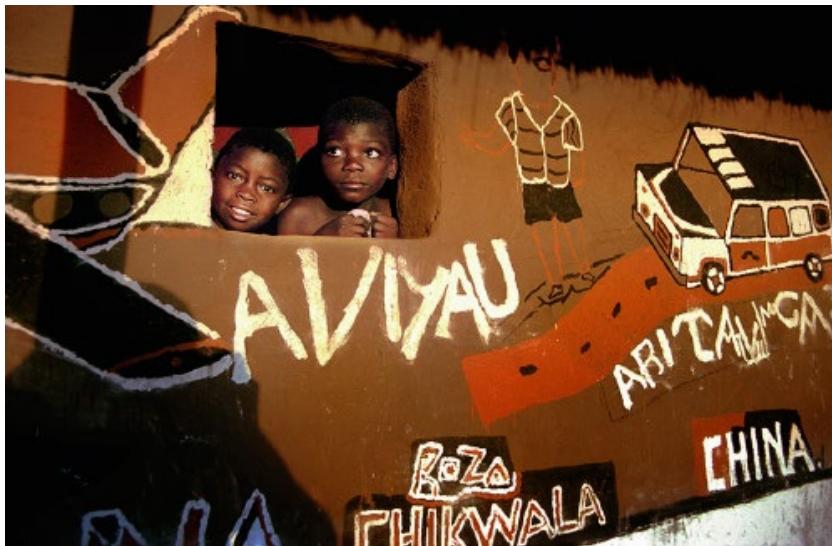


Sérgio Santimano

Moçambique

Nasceu em 1956 em Lourenço Marques, atual Maputo, Moçambique. Trabalha na tradição do documentário clássico e reportagem fotográfica. Começou a trabalhar como foto-jornalista para o jornal Domingo, com Ricardo Rangel, em 1982. De 1983 a 88, produziu e publicou trabalho relevante para imprensa nacional e internacional, cobrindo a guerra, a fome, e questões políticas para AIM (Agência de Notícias de Moçambique). Em 1988, mudou-se para a Suécia, onde trabalhou e estudou fotografia documental. Após o fim da guerra civil moçambicana, em 1992, começou como freelancer, documentando as consequências da guerra e a reconstrução do país. Pela primeira vez na sua vida, ele poderia viajar por todo o país e descobri-lo em tempos de paz. É nesta altura que o seu trabalho sobre uma transformação, adoptando um projeto de longo prazo - uma série de retratos sobre a vítima de minas, Luísa Macuácia, que acompanhou a partir da capital Maputo de volta à sua cidade, Inhambane. Desse trabalho resultou uma exposição com o título "Moçambique - Caminhos / A estrada longa e sinuosa", onde a componente plástica e visual supera o discurso documental. Esse projecto foi mostrado internacionalmente, e extratos dele foram publicados na "Revue Noir" e na revista portuguesa "Grande Reportagem".

Desde 1997 que Santimano tem trabalhado no Norte de Moçambique, em vários projectos na província de Cabo Delgado e na Ilha de Moçambique, na lendária 1^a base portuguesa na costa Leste do continente Africano, no caminho para a Índia. Desde 1992, Sérgio Santimano exibiu extensivamente em África, Suécia, Europa e Índia. Tendo começado a sua colaboração com a Perve Galeria em 2014, participou na exposição "7+5=1" e teve o seu trabalho exposto em Nova Deli, na India Art Fair. A sua obra foi integrada, em 2015, na coleção Lusofonias.



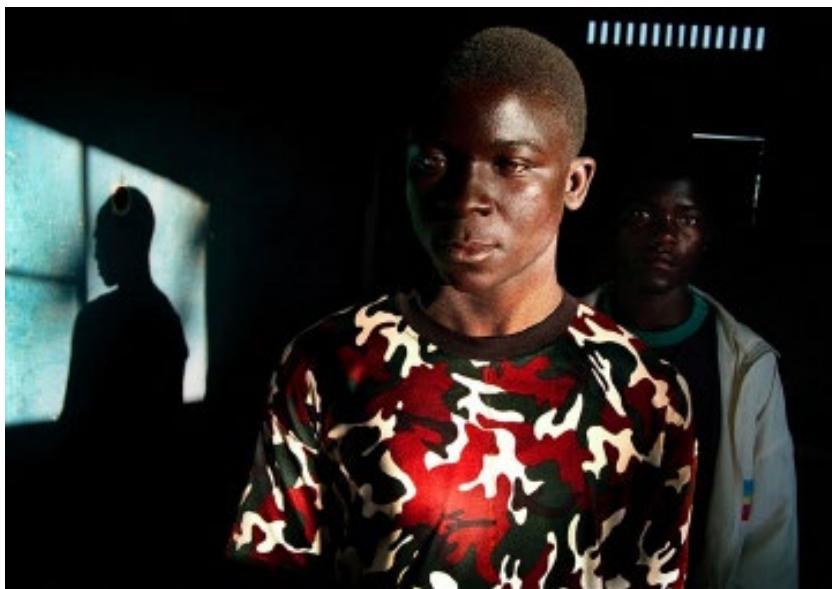
Sérgio Santimano

Sem título - (Meninos à janela) da série “Terra Incógnita” - Niassa Ocidental

Lambda (montada em alumínio),

35x50 cm, n.d.

Ref.: SS004



Sérgio Santimano

Sem título (Escola secundária) - Da série “Terra Incógnita”

Lambda (impressão digital),

40x60 cm, n.d.

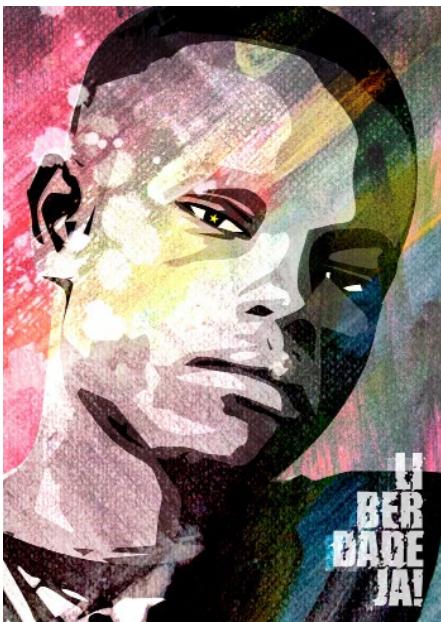
Ref.: SS019

Nasceu em 1981, em Luanda. Com 17 anos parte para Cape Town, na África do Sul, para terminar o ensino médio.

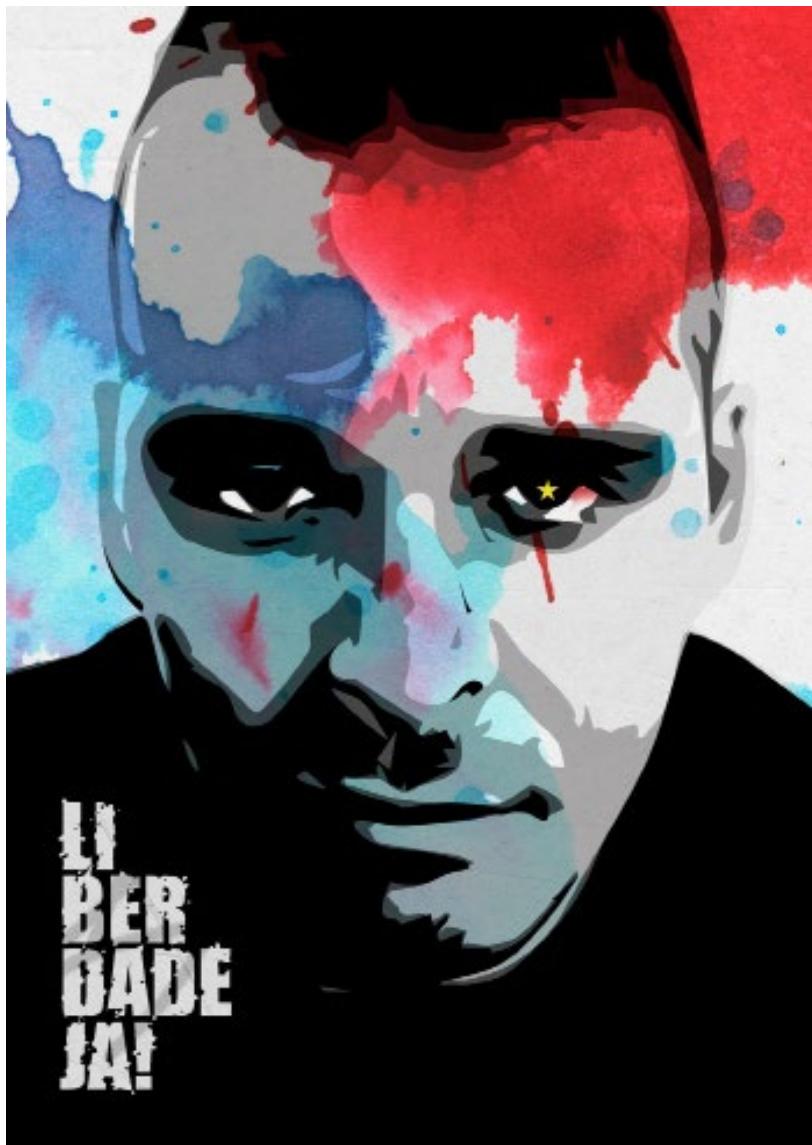
Em 2002, conclui formação a nível artístico, o curso técnico de Design e comunicação gráfica, na ETIC (Escola técnica de imagem e comunicação) em Lisboa, onde viveu durante 8 anos. Apesar de ser uma actividade caracterizada por uma forte componente gráfica, permitiu-lhe adquirir noções importantes sobre imagem no geral e ajudou-o também no desenvolvimento de uma interpretação mais artística e simbólica do mundo e das coisas à sua volta, o que por sua vez resultou numa melhor tradução de ideias e sentimentos para formatos visuais.

Depois disso e por um curto período de 4 meses ingressou numa agência de publicidade, Motive Pub., também na capital portuguesa. Desde então, tem desenvolvido as suas actividades na área do design e da arte como freelancer.

Foi recentemente, ao fim de uma temporada de 3 anos em Itália, passada nas terras do vulcão Etna, que decidiu reavivar a prática do desenho puro, mantida por tanto tempo adormecida, talvez resultado do uso excessivo de ferramentas digitais e das limitações que estas impõem à prática artística. Participou posteriormente em aulas de desenho e pintura, embora a sua aprendizagem técnica tenha sido feita de forma autónoma, com o apoio de livros e material adquirido na internet.



Sueki
Série Liberdade JÁ! (sobre os jovens activistas presos em Angola)
impressão em papel de gravura de museu,
50x30 cm, 2015
Ref.: SUEKI002



Sueki

Série Liberdade Já! (sobre os jovens activistas presos em Angola)

impressão em papel de gravura de museu,

50x30 cm, 2015

Ref.: SUEKI001

Ficha Técnica

Conceito e Curadoria

Carlos Cabral Nunes

Direção Executiva

Nuno Espinho

Produção e Comunicação

Graça Rodrigues

Viktoriya Zoriy

Joana Arouca Vieira

Design Gráfico

CCN & Nelson Chantre

Produção

Colectivo Multimédia Perve

Impressão

Perve Global, Lda

Organização

Colectivo Multimédia Perve



Perve Galeria

Casa da Liberdade - Mário Cesário

Rua das Escolas Gerais nº 13, 17 e 19

1100-218 Lisboa

www.pervegaleria.eu

galeria@pervegaleria.eu

Horário: 3ª a sábado das 14h às 20h

tel. 218822607/8 - tm. 912521450

Apoios:



UNIÃO EUROPEIA
Fundos Europeus
Estruturais e de
Investimento



Transportes: Metropolitano de Santa Apolónia [Linha Azul] e Eléctrico 28
Estacionamento gratuito: Largo da Igreja de S. Vicente de Fora e Largo da Feira da Ladra [excepto 3ª feira e sábado]

Fotografias - Direitos reservados
Photo - All rights reserved